



**O SERVIÇO SOCIAL, A QUESTÃO AMBIENTAL E O PARADIGMA CIENTÍFICO:**  
um diálogo necessário

**Maria Katarina da Silva Macedo**<sup>1</sup>

**Márcia Cristina Passos do Nascimento**<sup>2</sup>

**RESUMO**

Este trabalho inscreve-se no contexto da questão ambiental, e objetiva apresentar uma reflexão, no contexto do processo histórico, acerca das origens e evolução das problemáticas ambientais, cujas bases firmam-se sob um paradigma científico que se constitui como base do pensamento moderno, e que expressa o fracionamento do conhecimento e da realidade. Partimos da perspectiva de que este debate é de extrema importância para a formação e atuação do Assistente Social, tendo em vista que as questões de ordem ecológica emergem como demanda para este profissional e a apropriação de subsídios teóricos que fundamentem a prática se faz necessária.

**Palavras-Chave:** Crise Ambiental, Questão Ambiental, Serviço Social

**ABSTRACT**

This work fits into the context of environmental issues, and aims to present a reflection in the context of the historical process, about the origins and evolution of environmental issues, which bases itself on a firm scientific that constitutes the basis of modern thought, and expressing the fragmentation of knowledge and reality. We adopt the view that this debate is extremely important for the formation and performance of the Social Worker, in order that issues of ecological emerge as demand for these professionals and the appropriation of theoretical basics that supports the practice is necessary.

**Keywords:** Environmental Crisis, Environmental Question, Social Work

<sup>1</sup> Estudante de Graduação. Universidade estadual do Ceará (UECE). [louvadasejaeu@yahoo.com.br](mailto:louvadasejaeu@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Estudante de Graduação. Universidade estadual do Ceará (UECE). [marciacpnss@hotmail.com](mailto:marciacpnss@hotmail.com)



## I. INTRODUÇÃO

O cenário atual é marcado pelo agravamento de uma crise, que se expressa em todas as instâncias da sociedade e cujo enfrentamento exige a compreensão de suas causas econômicas, sociais e políticas. O Meio Ambiente é alvo de debates e preocupações, e a bandeira ecológica é levantada por diversos segmentos da sociedade.

Em seu âmago, esta crise é mais do que a degradação ambiental, ela é na verdade uma soma de crises, complexa e multidisciplinar. É a expressão de um modelo de sociedade mercadologizada, baseada em uma visão de mundo antropocêntrica, que privilegia os interesses privados, em oposição aos bens coletivos. (GUIMARÃES, 2004) Ela emerge de uma confluência de fatores coexistentes: capitalismo, modernidade, tecnocracia, e exige de nós um posicionamento. É gestada e impulsionada no contexto do desenvolvimento econômico e capitalista, e tem por base um ideário que lhe justifica e fornece bases científicas.

A concepção mecanicista da razão cartesiana foi fundamento para uma teoria econômica que valida uma ideologia de “crescimento ilimitado”, que afirma a possibilidade e necessidade de um crescimento ilimitado e acelerado, cuja lógica e noção de progresso se configuram como insustentáveis do ponto de vista ecológico.

Este artigo tem o desafio de trazer para o debate questões que compreendo serem pertinentes para a reflexão, prática e formação profissional, tendo em vista as demandas relacionadas às questões de ordem ecológica que chegam para o Assistente Social. Sabe-se da complexidade que a temática suscita, pelos grandes limites e desafios postos, tendo em vista o distanciamento do Serviço Social desse contexto. Embora seja nitidamente perceptível que esta realidade sofre modificações, ainda é possível verificar que em nossa profissão, tais questões são frequentemente secundarizadas, como se existissem preocupações mais urgentes.

## II. A CRISE DE NOSSO TEMPO

A emergência da questão ambiental como uma problemática com sérias implicações para a humanidade vem mobilizando todos os segmentos sociais, se constituindo como um dos assuntos mais importantes de nosso século. Ela reflete a contradição existente entre o modelo de desenvolvimento econômico atual e ambiente no qual estamos inseridos.



Estamos vivendo uma crise sem precedentes, que põe em risco toda a forma de vida e que é dotada de peculiaridades, pois de acordo com Leff (2003) ao longo da história da natureza ocorreram diversas mudanças catastróficas, mas a crise ecológica atual, pela primeira vez não é uma mudança de ordem natural, mas uma transformação induzida “pelas concepções metafísica, filosófica, ética, científica e tecnológica do mundo”.

Podemos inferir que a gênese da crise ambiental situa-se na passagem da Idade Média para a Idade Moderna (SIRVINKAS, 2011). O fato é que as bases de cada sociedade humana são erigidas sob determinado paradigma – ao longo da trajetória humana, diversos paradigmas foram destruídos e construídos – que trazem em si uma nova concepção de natureza. O paradigma que emergiu no período supracitado alicerçava-se sob a idéia de uma natureza que podia ser dominada, prevista e explorada. Neste período foram formulados o sistema de valores e o entendimento de mundo que fundamenta a sociedade contemporânea, e que aliados a um modo de produção que pressupõe a apropriação intensa dos recursos naturais para sua reprodução, acentua a crise ecológica, marca de uma sociedade fragmentada, onde o homem é concebido como um ser separado de seu ambiente.

A concepção reducionista (no sentido de reduzir o conceito de meio ambiente apenas a fauna e a flora) e utilitarista de natureza é uma das bases assentadoras do modelo de desenvolvimento atual. O modo como vivemos e produzimos tem como suporte uma determinada concepção de natureza, criada e instituída pela humanidade, e que a ciência desempenhou um importante papel no sentido de consolidá-la. Na sociedade contemporânea atribui-se um sentido dicotômico a natureza e cultura, concebida como algo superior, e que controla e domina a natureza:

Sem que no apercebamos, usamos em nosso dia-a-dia uma série de expressões que trazem em seu bojo a concepção de natureza que predomina em nossa sociedade. Chama-se de *burro*, ao aluno ou a pessoa que não entende o que se fala ou se ensina; de *cachorro*, ao mau-caráter; de *cavalo* ao indivíduo mal-educado; de *vaca*, *piranha* e *veado* àquele ou àquela que não fez a opção sexual que se considera correta, etc... Juntemos os termos: *burro*, *cachorro*, *cavalo*, *vaca*, *piranha* e *veado* são todos nomes de animais, de seres da natureza tomados – em todos os casos – em sentido negativo, em oposição a comportamentos considerados cultos, civilizados, e bons. (...) Chama-se de *selvagem* àquele que se encontra no pólo oposto da cultura. E (...) *selvagem* quer dizer da *selva*, mais uma vez, do plano da natureza. (PORTO-GONÇALVES, 1998, p.25)

A cisão entre a dimensão social e ambiental, entre homem e natureza é então consagrada, e tem servido como base a uma ótica que conferiu um sentido utilitarista à



natureza. A racionalidade técnica submetida à ordem econômica, triunfou na sociedade contemporânea, presidindo as decisões da sociedade no que concerne e exploração dos recursos naturais. Essa lógica foi justificada por um paradigma científico que fragmenta a compreensão da realidade social/natural pelo homem, que desvincula o ambiente social/natural de suas relações.

### III CRÍTICA AO PARADIGMA CIENTÍFICO OCIDENTAL

Já no período socrático observa-se com Platão e Aristóteles um enaltecimento do homem e da idéia em detrimento de certo desprezo pelos animais e plantas. A tradição judaico-cristã também desempenhou importante papel no sentido de conferir suporte a noção de domínio da natureza pelo homem, a partir da concepção da imagem de um Deus superior, acima de tudo e personificação da razão e poder supremos, criador de um homem à sua imagem e semelhança, igualmente superior em relação aos outros seres. Entretanto, é a partir da ciência moderna que a oposição homem-natureza será levada ao extremo.

A perspectiva científica medieval estava assentada sob duas balizas principais: a razão e a fé, buscando-se a compreensão das coisas, e não o seu domínio. Com o advento da Revolução Científica, compreendida entre os séculos XVI e XVII, a estrutura da ciência foi radicalmente modificada, com as descobertas de cientistas como Copérnico, Galileu, Bacon e principalmente Descartes e Newton.

Segundo Capra (2002) é com Bacon que “o objetivo da ciência passa a ser aquele conhecimento que pode ser usado para dominar e controlar a natureza”. De acordo com o pensamento baconiano, a natureza deveria ser escravizada e torturada, tendo seus segredos extraídos. A partir do ideário cartesiano a noção de um universo orgânico foi substituída pela concepção metafórica do mundo como uma máquina. Essa confluência de idéias foi fundamental para a instituição de uma nova visão de mundo, materialista, racionalista, mecanicista, instrumentalista e antropocêntrica. Neste sentido:

O antropocentrismo consagrará a capacidade humana de dominar a natureza. Esta, dessacralizada, já que não mais povoada por deuses, pode ser tornada objeto e, já que não tem alma, pode ser dividida, tal como o corpo já o tinha sido na Idade Média. É uma natureza-morta, por isso pode ser esquartejada... (...) O século XIX será o triunfo desse mundo pragmático, com a ciência e a técnica adquirindo, como nunca, um significado central na vida dos homens. A natureza, cada vez mais um objeto a ser possuído e dominado, é agora subdividida em física, química, biologia. O homem em economia, sociologia, antropologia, história, psicologia, etc. (PORTO-GONÇALVES, 1998, p.25)



A separação entre as dimensões social e ambiental é então ratificada, e a postura do homem ante a natureza adquire um caráter diferenciado. O ideário consolidado pela Revolução Científica será a base fundamentadora da Revolução Industrial, que no campo das relações entre os homens será palco do desenvolvimento de um novo sistema, econômico, político e social que subjuga os homens e a natureza, e cuja força motriz é o lucro, buscado de maneira incessante: o capitalismo.

A visão de mundo decorrente do paradigma científico ocidental, traz em seu âmago a dominação, expressa nas relações de classes e que se expressa postura adotada pela humanidade em relação ao seu ambiente natural. O modelo de sociedade vigente estimula o consumo exacerbado, a intensa competição, valoriza a acumulação material e o crescimento econômico. Como condição necessária para a contínua acumulação de capital, há a intensa exploração do ambiente, em uma lógica de destruição.

#### **IV. A DESIGUALDADE NÃO É SÓ SOCIAL**

O agravamento da questão ambiental ocorre não apenas em função da gestão inadequada dos recursos, mas fundamenta-se na apropriação desigual dos bens ambientais e de seus usos. O modo de produção vigente cria desigualdades não apenas na esfera social, mas também na ambiental. Vivenciamos uma privatização do meio ambiente e uma coletivização das problemáticas ambientais, cujas conseqüências não atingem a todos de maneira eqüitativa, pois às populações marginalizadas e vulneráveis, é que é destinada a maior carga dos riscos e danos ambientais. Em relação aos bens ambientais:

"(...) vivemos em uma sociedade em que eles, assim como outros bens econômicos e sociais, são objeto de uma distribuição desigual. Os grupos com maior força econômica e política terminam sobrepondo seus interesses corporativos aos interesses coletivos na distribuição dos bens ambientais. Apesar de nossa sociedade ser fundada na idéia de igualdade jurídica dos cidadãos e na universalização dos direitos, na prática das relações sociais, a dinâmica da acumulação privada gera a distribuição desigual de oportunidades e de condições de vida entre os grupos sociais e se nutre dessa desigualdade. Com os bens ambientais não é diferente." (CARVALHO, 2003, p. 165-166)

Na percepção de Leff (2003), a crise ambiental é mais que a destruição da natureza, mas se constitui como um questionamento ao pensamento e ao entendimento, a ontologia e a epistemologia com as quais a civilização ocidental compreendeu os seres, os entes e as



coisas; da ciência e da razão tecnológica com as quais a natureza foi dominada e o mundo moderno economizado. O modelo de sociedade baseada em um consumo predatório acarreta não só a degradação ambiental, mas também do homem.

A questão ambiental ultrapassa a especialização do saber e é dotada de caráter interdisciplinar, demandando a intervenção de distintas áreas do conhecimento. O Assistente Social, enquanto sujeito e profissional não está isento desse processo. A apropriação dessa temática por parte da categoria se faz extremamente necessária, embora ainda se note uma certa secundarização no que se concerne às questões de ordem ecológica, avanços são sentidos. Meio Ambiente está profundamente relacionado a qualidade de vida, e é importante frisar que os direitos básicos da população, viabilizados pelo Assistente Social, e a própria garantia da qualidade de vida dependem da qualidade do ambiente no qual se está inserido.

## **V. CONSTRUINDO UM DIÁLOGO COM O SERVIÇO SOCIAL**

Como já ressaltado neste trabalho, com base na dicotomia entre homem e natureza, a ciência foi dividida em Ciências Sociais e Naturais. A partir deste paradigma caberia às Ciências Sociais o estudo das dimensões do mundo humano, desarticuladas do ambiente natural. Profissão oriunda das Ciências Sociais Aplicadas, o Serviço Social sofreu profundas influências dessas idéias, somando-se ao fato de os profissionais estarem inseridos em um mundo complexo, orientado por uma lógica mercantilista e exploradora, que perpetua a concepção parcialista da realidade social e natural.

O Serviço Social não é uma profissão estática, mas é (re) definida socialmente, em uma realidade dinâmica. Dada sua diversidade de formas de intervenção, o Serviço Social materializa seu fazer profissional junto à necessidade da constante redefinição de suas práticas, acompanhando a dinâmica processual das demandas da sociedade. As questões ambientais emergem enquanto demanda para o Assistente Social e implicam em grandes desafios, face a carência de nossa formação. Tendo em vista que a prática pressupõe o conhecimento acerca do objeto de intervenção, é preciso capacitar-se para que possam ser criadas estratégias de enfrentamento sem cair no reducionismo ou na demagogia.

Comumente, as problemáticas ambientais são abordadas partindo-se de uma culpabilização do indivíduo, sem relacioná-las com a dimensão estrutural. Entretanto, é de importância extrema a postura crítica do Assistente Social, questionando e rompendo com o



aparente e apreendendo as dimensões do real, sem desvirtuar as questões de ordem ecológica da totalidade, da insustentabilidade social e ambiental inerente ao capitalismo, das desigualdades geradas por este sistema, não apenas no âmbito da sociedade, mas também da natureza.

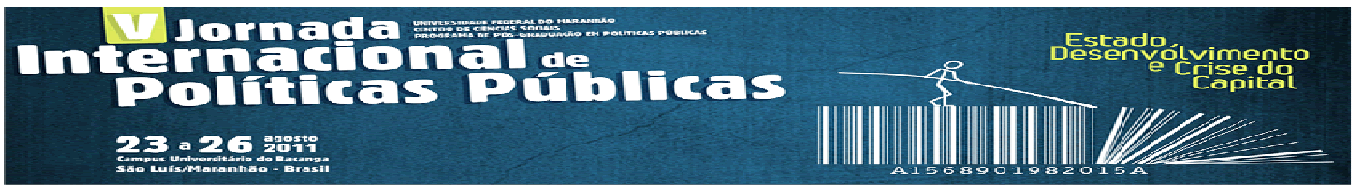
O trabalho do Assistente Social é privilegiado, pois este profissional atua diretamente no cotidiano das camadas sociais menos favorecidas e tem a possibilidade de produzir conhecimentos sobre essa realidade, que lhe proporciona uma visão das possibilidades e limites de sua prática. Pelo caráter de suas ações profissionais, que “interferem diretamente na formação de condutas e subjetividades de sujeitos que freqüentam o cotidiano dos diferentes espaços sócio-ocupacionais do Serviço Social” (VASCONCELOS apud MIOTO, 2009), pelo seu projeto ético-político, estruturado sob fundamentos tais como o compromisso com a autonomia e emancipação dos indivíduos e a construção de uma nova ordem societária o Assistente Social pode desenvolver importantes contribuições, no sentido de contribuir para a subversão das ordens intelectual e moral estabelecidas no capitalismo. (ABREU, 2002)

Neste íterim, o Assistente Social, pela singularidade de sua intervenção profissional, dotada de uma função educativa, inerente ao seu exercício profissional contribuindo para a formação da subjetividade de seu usuário, pode desempenhar um papel fundamental no convívio sociedade/natureza, na medida em que sua perspectiva de intervenção pauta-se em uma ótica transformadora e atue privilegiadamente junto à população. Desta relação, muitas alianças podem ser construídas. Não existem só limites, mas também possibilidades enriquecedoras.

## VI. CONCLUSÃO

Refletir sobre a crise é repensar o nosso olhar sobre as relações entre sociedade e natureza, é tecer críticas às relações sociais e de produção, é questionar o paradigma científico moderno e construir um novo paradigma de civilização. Devemos partir de uma nova visão de mundo, que possa superar a visão fragmentadora que fraciona o real, e que possibilite a apreensão da complexidade da questão ambiental, seu processo de origem e evolução.

É preciso ressignificar o conceito de meio ambiente, que compreenda suas dimensões física, química, biológica, política, econômica, cultural, ética, sociológica,



antropológica, tecnológica e filosófica, pois enquanto esta visão fragmentada, que separa o homem de seu ambiente persistir, as soluções apontadas se darão sempre no sentido de reformar ou diminuir as problemáticas ambientais.

A intervenção do Serviço Social nesta realidade não é apenas pertinente, como necessária, tendo em vista as possibilidades de contribuição deste profissional na formação de sujeitos críticos, pois a transformação das pessoas em agentes transformadores da realidade é condição para a construção de um novo paradigma. Não se trata de imbuir a profissão de um caráter messiânico, como analisa Iamamoto (1995) ao discorrer acerca das limitações dadas pela própria realidade social, mas reconhecer as possibilidades de nossa intervenção vinculada a um projeto ético-político, que aponta no sentido de construção de uma nova sociabilidade e da emancipação humana.

É importante destacar que a preocupação com as problemáticas ambientais não deve ser concebida como responsabilidade de grupos preservacionistas, mas deve ser tomada como uma missão ética e política de todos nós, tendo em vista a destruição promovida em nome do lucro, da produtividade e do progresso. Neste sentido, o presente trabalho procura se constituir como uma contribuição para este debate de grande importância.

## VII. BIBLIOGRAFIA

ABREU, Marina Maciel. **A dimensão pedagógica do Serviço Social: bases histórico-conceituais e expressões particulares na sociedade brasileira.** Serviço Social e Sociedade, São Paulo: Cortez, 2004.

AGUIAR, Roberto A. R. de. **Direito do Meio Ambiente e Participação Popular.** Brasília: Ibama, 2006.

ANDRADE, Joaquina Barata Teixeira de. Desenvolvimento Sustentado e Meio Ambiente. *In: Capacitação em Serviço Social e Política Social.* Módulo 04: Novos espaços ocupacionais do assistente social. Brasília: NED/CEAD - Universidade de Brasília, 1999.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra.** 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.





CAMPANELLA, M. A. T. As causas da crise ambiental. In: **Ecologia e Sociedade**: uma introdução às implicações sociais da crise ambiental. SILVA, Carlos Eduardo Lins da. São Paulo: Loyola, 1978, p. 67-104.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. 23ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2003.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 5ª Ed. São Paulo: Global, 1998.

DIEGUES, Antônio Carlos. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996.

GÓMEZ, J. A. D.; AGUADO, O. V.; PÉREZ, A. G. (orgs). **Serviço Social e meio ambiente**. São Paulo: Cortez, 2005.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_ **A formação de educadores ambientais**. Campinas: Papirus, 2004.

HELFRICH JÚNIOR, H. W. (coord.). **A crise ambiental: a luta do homem para viver consigo mesmo**. São Paulo: Melhoramentos, 1974.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. 21ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Renovação e conservadorismo no Serviço Social: ensaios críticos**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.



\_\_\_\_\_ **Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional.** 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: racionalidade, sustentabilidade, complexidade, poder.** Petrópolis: Vozes/PNUMA, 2001.

\_\_\_\_\_ (coord.) **A complexidade ambiental.** São Paulo: Cortez, 2003.

LEONARD, H. J. **Meio Ambiente e Pobreza: estratégias de desenvolvimento para uma agenda comum.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LESSA, Sérgio. **Serviço Social e Trabalho: do que se trata?** In: Revista Temporalis. N° 1. Vol. 1. Brasília, 2000.

LOUREIRO, C.F.B. Educação ambiental transformadora. Philippe Pomier Layrargues (coord.). In: **Identidades da educação ambiental brasileira** / Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental;– Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

MIOTO, Regina Célia. Orientação e acompanhamento social a indivíduos, grupos e famílias. In: **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais.** Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

MAGALHÃES FILHO, Francisco de B. e B. de. **História Econômica.** 10ª ed. São Paulo: Saraiva, 1986.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e Serviço Social: Uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64.** São Paulo: Cortez, 1991.

\_\_\_\_\_ A construção do Projeto Ético-Político do Serviço Social frente à crise contemporânea. In: **Capacitação em Serviço Social e Política Social.** Módulo 01. Brasília: NED/CEAD – Universidade de Brasília, 1999.



\_\_\_\_\_ **Capitalismo monopolista e Serviço Social.** 4ª ed. São Paulo, Cortez: 2005

\_\_\_\_\_ Braz, Marcelo. **Economia política: uma introdução crítica.** São Paulo: Cortez, 2006.

PHILLIPI JR, Arlindo; ROMERO, Marcelo de Andrade; BRUNA, GILDa Collet (Eds.). **Curso de Gestão Ambiental.** Barueri, SP: Manole, 2004

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Os (Des) Caminhos do Meio Ambiente.** 10ª Ed. São Paulo: Contexto, 2002.

REIGOTA, Marcos. **Meio Ambiente e Representação Social.** 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 1998. (Questões da Nossa Época; Vol. 41).

RIGOTTO, Raquel (Org.). **As tramas da (in)sustentabilidade: Trabalho, Meio Ambiente e Saúde no Ceará.** Fortaleza: INESP, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um Discurso sobre as Ciências.** 12ª Ed. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

SUERTEGARAY, D. M. A. Questão Ambiental: produção e subordinação da natureza. *In:* SILVA, José Borzacchiello da; LIMA, Luiz Cruz; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (orgs.). **Panorama da Geografia II.** – São Paulo: Annablume, 2006.

SIRVINKAS, Luís Paulo. **Manual de direito ambiental.** 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

TRIGUEIRO, André (Coord.). **Meio Ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

VERNIER, Jacques. **O meio ambiente.** 5ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994.